

Do étnico ao ecológico: a trajetória da Seicho-no-Ie no cenário global

João Paulo de Paula Silveira¹
Gustavo Martins do Carmo Miranda²

DOI: <https://doi.org/10.4025/rbhranpuh.v14i41.59743>

Resumo: O artigo se dedica à relação entre a *Seicho-no-Ie* e a globalização. Problematisa-se os diversos momentos da trajetória global da nova religião japonesa. Desde sua fundação, em 1930, a *Seicho-no-Ie* sustenta uma imagem da ordem mundial tecida a partir da adesão ao Novo Pensamento Americano e ao discurso nacionalista japonês. Sob o atual comando de Masanobu Taniguchi, o grupo procura se inscrever na paisagem religiosa planetária, especialmente a partir das questões ambientais, sem que isso signifique o abandono do repertório religioso tradicional. Em tempos de pandemia, essa consciência é mobilizada para explicar o surgimento do vírus e apontar saídas religiosas que presumem a representação da Terra como uma “casa comum” atravessada pela presença divina.

Palavras-chave: Seicho-no-Ie; Novas Religiões Japonesas; Globalização.

From ethical to ecological: the trajectory of Seicho-no-Ie in a global setting

Abstract: This paper focuses on the relationship between Seicho-no-Ie and globalization. We discuss the different moments in the global trajectory of this Japanese New Religion. We understand that since its foundation, in 1930, Seicho-no-Ie has sustained an image of the world order woven from the adherence to the American New Thought and the Japanese nationalist discourse. Under the current leadership of Masanobu Taniguchi, the group seeks to inscribe itself in the planetary religious landscape, especially on environmental issues, without abandoning the traditional religious repertoire. In times of pandemic, this awareness is mobilized to explain the emergence of the virus and to point out religious solutions that assume the representation of the Earth as a “common house” crossed by the divine presence

Keywords: Seicho-no-Ie; Japanese New Religions; Globalization.

¹ Doutor em Sociologia das Práticas e Representações Sociais. Docente no Curso de História e no Programa de Pós-graduação de História da Universidade Estadual de Goiás. Membro do Núcleo de Estudos da Religião Carlos Rodrigues Brandão (FCS-UEG). Contato: joao.paulo@ueg.br

² Doutorando em Sociologia pela UFMG, bolsista CAPES. Contato: gustavmcm@gmail.com

De lo étnico a lo ecológico: la trayectoria de Seicho-no-Ie en el escenario global

Resumen: El artículo se centra en la relación entre Seicho-no-Ie y la globalización. Problematicamos los diferentes momentos de la trayectoria global de la nueva religión japonesa. Entendemos que desde su fundación en 1930, Seicho-no-Ie ha sostenido una imagen del orden mundial tejida a partir de su adhesión al Nuevo Pensamiento Americano y al discurso nacionalista japonés. Bajo el mando actual de Masanobu Taniguchi, el grupo busca inscribirse en el paisaje religioso planetario, especialmente desde cuestiones ambientales, sin que ello signifique abandonar el repertorio religioso tradicional. En tiempos de pandemia, esta conciencia se moviliza para explicar la aparición del virus y señalar soluciones religiosas que asuman la representación de la Tierra como una “casa común” atravesada por la presencia divina.

Palavras clave: Seicho-no-Ie; Nuevas Religiones Japonesas; Globalización.

Recebido em 20/07/2021 - Aprovado em 02/09/2021

Introdução

Os estudos a respeito dos novos movimentos religiosos na contemporaneidade destacam quase sempre a negociação entre universos religiosos distintos. A globalização figura como pano de fundo para se pensar o engendramento de novos caminhos, bricolagens, tensões ou adesões religiosas prodigalizadas por uma realidade que se caracteriza por trânsitos de pessoas, pluralidade de ideias, conectividade e riscos compartilhados em escala planetária. Nesse contexto, as respostas às carências de sentido ofertadas pelas novas religiões são, amiúde, globalmente orientadas.

A partir desse entendimento e de nosso interesse pelos novos movimentos religiosos na contemporaneidade, dedicamo-nos à *Seicho-no-Ie* (生長の家, Lar do Progredir Infinito, em português). Revistamos algumas considerações que tecemos anteriormente e ampliamos nosso escopo a fim de lançarmos luz sobre as relações entre essa nova religião japonesa e a globalização, principalmente em nossos dias, contexto de adesão da *Seicho-no-Ie* aos temas ambientais (SILVEIRA, 2016). Formalmente, problematicamos os diversos momentos da trajetória da *Seicho-no-Ie* no contexto da paisagem religiosa global.

Dividimos nosso estudo em três partes. No conjunto, todas dizem respeito a momentos particulares da trajetória global da *Seicho-no-Ie*. Na primeira parte, dedicamo-nos ao surgimento e ao desenvolvimento da nova religião; nela, consideramos a bricolagem entre o Novo Pensamento Americano e os elementos do repertório religioso

japonês, além da adesão da *Seicho-no-Ie* ao discurso nacionalista. Na segunda parte, tratamos do estabelecimento e do desenvolvimento da nova religião no Brasil, momento em que a mesma deixou de ser uma religião étnica para dar início ao processo de acomodação em outra paisagem religiosa. Na terceira parte, discutimos o ritmo ecológico imprimido pela atual liderança do grupo; para isso, dedicamo-nos ao *Modo Feliz de Viver em Harmonia com a Natureza* como um dos traços da “consciência de globalidade” (ROBERTSON, 2000) espousada pela *Seicho-no-Ie* na contemporaneidade.

Desenvolvemos nossa reflexão a partir do aporte de Robertson (2000; 2007; 2011; 2014), Clarke (2000; 2006) e Dessì (2013). Grosso modo, esses autores compreendem a globalização como um processo multidimensional, envolvendo aspectos culturais, sociais, políticos e econômicos. Nesse cenário, a religião assume um lugar de destaque como parte da dimensão cultural da globalização. Contudo, ela também possui outras dimensões que a inscrevem na realidade global de maneira ainda mais complexa: “A religião está centrada na dimensão cultural, mas, sem dúvida, possui aspectos sociais, políticos e econômicos” (ROBERTSON, 2011, p. 11- tradução nossa).

Esses autores nos permitirem também considerar as “influências reversas” (CLARE, 2000) da globalização, oriundas do mundo não ocidental, como é o caso da *Seicho-no-Ie* e de outras novas religiões, japonesas ou não, que transitam globalmente. Pensar a globalização para além de uma única via, geralmente do hemisfério norte para o sul global, ou do ocidente para o oriente, permite-nos superar ideias homogeneizantes e simplificações interpretativas em favor de uma perspectiva atenta aos ritmos e fluxos plurais, às negociações e às bricolagens religiosas que caracterizam a dialética entre global e local, a chamada *glocalização*: “A Glocalização refere-se ao processo no qual os fenômenos se espalham [e] são adaptados a uma nova localidade quando chegam” (ROBERTSON, 2014, p.21 – tradução nossa).

Repertório religioso tradicional, Novo Pensamento Americano e o nacionalismo japonês

Desde o seu surgimento, a *Seicho-no-Ie* é interpelada por uma realidade marcada por relações transnacionais e transculturais. A *nova religião japonesa*³ surgiu a partir das

³ Segundo Reader (2010), o conceito de novas religiões japonesas (新宗教, *shinshukyō*, em japonês) designa um conjunto de inovações religiosas, muito amplo, que apareceu no Japão no século XIX. Ele serve para distinguir elaborações mais recentes daquelas mais antigas, embora elementos oriundos do repertório religioso tradicional (*i.e.* budismo, xintoísmo, confucionismo e religiosidades populares) estejam presentes nas inovações, entre eles certa disposição prática endereçada às necessidades deste mundo. Reader destaca ainda que as novas religiões foram criadas por lideranças leigas e carismáticas. Por sua vez, Clarke (2006) sustenta que as novas religiões japonesas buscam

inquietações do então jovem Masaharu Taniguchi (1893-1985) que, no final dos anos 1920, tinha “ouvidos musicalmente religiosos” e algum contato com a cultura religiosa ocidental oriunda, principalmente, do fermento esotérico do século XIX e início do século XX, em especial, o Novo Pensamento Americano⁴. Segundo lemos em sua produção religiosa, Taniguchi recebeu uma série de revelações que o convocavam a se levantar a fim de ofertar *ao mundo* uma religião capaz de iluminar a humanidade. No dia 13 de dezembro de 1929, ele declarava a toda humanidade:

Levanto-me e coloco-me diante da humanidade, erguendo alto a chama da Verdade. Tornou-se inevitável levantar-me. Amigos e companheiros, venham aderir a mim [...]. É a chama da Verdade que desceu dos céus. É a chama ardente! Toquem em mim [...]. Com esta chama quero mostrar à humanidade como ser feliz, como se libertar das algemas da situação, como governar o destino, como dominar as doenças, como eliminar a causa da miséria, como superar os sofrimentos causados pelos problemas familiares (TANIGUCHI, Masaharu, 1993, p.3-5).

Até o ano de 1933, Taniguchi recebeu 29 revelações divinas atribuídas à deidade xintoísta *Sumiyoshi* (STAEMMLER, 2018). Seus conteúdos destacavam a relevância espiritual da *Seicho-no-Ie* como a religião capaz de reunir o essencial de todas as outras e de promover a cura de doenças a partir de ensinamentos que preconizavam o poder da mente sobre o destino individual. Além disso, outros conteúdos estavam em afinidade com o regime imperial constituído a partir do Xintoísmo de Estado⁵, o que ainda discutiremos.

responder às carências provocadas pelos ritmos de vida característicos da modernidade japonesa, principalmente após a Segunda Guerra. Em níveis distintos, elas sustentam a centralidade espiritual do Japão diante do restante do mundo. Atualmente, há cerca de 400 novas religiões no Japão e aproximadamente 70% da população nipônica está envolvida com algumas delas (WINTER, 2018).

⁴ O Novo Pensamento Americano (*American New Thought*, em inglês) é um torvelinho espiritual que surgiu nos EUA nas últimas décadas do século XIX, em um contexto cristão interessado por terapias curativas. Sua existência é tributária de elaborações esotéricas que eram desenvolvidas nos países do Atlântico Norte. Em linhas bastante gerais, ele postula a existência de uma única realidade divina da qual somos manifestações individuais. Melton (2006) afirma que a consciência dessa verdade religiosa permite, segundo acreditam, acesso a uma vida de abundância e saúde aqui e agora.

⁵ Xintoísmo de Estado é como chamamos a ideologia que sustentou a narrativa nacionalista do estado japonês moderno até a derrota de 1945. Em linhas gerais, ele sacralizava a autoridade do

Diferentemente da maioria dos fundadores de outras novas religiões japonesas, Masaharu Taniguchi possuía alguma instrução formal (SHIMAZONO, 2004), embora não tivesse concluído o curso superior na Universidade de Waseda, na moderna Tóquio. O domínio da língua inglesa e o contato com a literatura ocidental permitiram a Taniguchi o acesso às novas elaborações religiosas vindas principalmente dos EUA, entre elas o já mencionado Novo Pensamento Americano. Além desse contato, Taniguchi participou de outras novas religiões japonesas, entre elas a *Ômoto* (大本, Grande Fonte, em português), com a qual ele permaneceu vinculado até 1921, quando se decepcionou com uma profecia não cumprida que prometia a renovação do mundo. Por um breve momento, também passou pela *Ittôen* (燈園, Jardim Iluminado, em português) (STAEMMELER, 2018).

Para percebermos a acomodação de ideias estrangeiras pelas novas religiões japonesas, consideremos inicialmente o lugar que o supracitado Novo Pensamento Americano ocupa na textura religiosa do grupo fundado por Masaharu Taniguchi. A corrente americana chegou até Taniguchi em um momento difícil de sua vida, quando ele enfrentava problemas de saúde na família, além de dificuldades financeiras. Sabemos que seu contato inicial aconteceu a partir da obra *Law of Mind in Action*, escrita por Fenwick Holmes (1883-1973). Reichl (2012) nos assegura que os vários episódios de doenças enfrentados por Taniguchi teriam sido responsáveis pelo seu interesse por práticas que preconizavam o lugar da mente na cura, uma característica marcante de seu sistema religioso até nossos dias.

Vindo de alhures, o Novo Pensamento Americano encontrou um contexto religioso dinâmico e inclinado às inovações. Um complexo repertório religioso era mobilizado por homens e mulheres leigas, fundadores das novas religiões japonesas, desde o século XIX, como foram os casos das pioneiras *Tenrikyô* (天理教, Religião da Sabedoria Celeste, em português) e da *Ômoto*, além de outros grupos que recorreram ao repertório tradicional japonês para confeccionarem suas inovações de fé (PEREIRA, 1994).

trono japonês ao afirmar a ininterruptibilidade da linhagem imperial e sua origem divina com base em textos míticos. Durante sua vigência, o governo monopolizou o simbolismo religioso a fim de unificar antigos mitos em torno da autoridade imperial. A fim de incutir seus sentidos de mundo, o governo japonês publicou em 1890 o “Reescrito Imperial da Educação”, que deveria estimular a adesão ao culto à autoridade imperial (ELLWOOD, 2008). Em seu estudo da história do xintoísmo, Hardacre (2017) argumenta que a expressão Xintoísmo de Estado precisa ser percebida com ressalvas pelo risco de ignorarmos que sujeitos de outras religiões e grupos, entre eles budistas, cristãos e novas religiões, também apoiavam o nacionalismo e o culto ao trono japonês.

Nesse sentido, a experiência de Taniguchi não foi diferente na medida em que ele engendrou sua nova religião dialogando com referências oriundas do budismo, do neoconfucionismo e, sobretudo, do xintoísmo. Nesses termos, o Novo Pensamento Americano foi refratado ou incorporado pela imaginação religiosa de Taniguchi e de outras novas religiões japonesas que *imaginaram* a similaridade entre a novidade vinda do exterior e o repertório religioso tradicional.

O estudo de Tsushima (*et al.*,1979) sustenta que muitos novos movimentos religiosos japoneses compreendem que o cosmos ou o universo é uma força vital com fertilidade eterna; amiúde, ele é concebido como uma divindade ou como “A Grande Vida” (大生命, *Daiseimei*, em japonês). Do ponto de vista da ética religiosa, essa cosmologia propõe a harmonia com todas as partes, vindo daí as noções da piedade filial que fazem parte do ordenamento ético tradicional, de inspiração confucionista, presente em parte do sudeste asiático (ORTIZ, 2000). Foi a partir dessa cosmologia que o Novo Pensamento Religioso foi incorporado e traduzido por Masaharu Taniguchi; ele foi *glocalizado* em virtude da similaridade com uma concepção do cosmos do tipo monista presente no repertório religioso tradicional japonês (KISALA, 2001).

A globalização encoraja, ou mesmo força, os atores individuais a selecionarem ou rejeitarem, a partir de um fluxo pervasivo de significados, visões de mundo e valores. A incorporação desses elementos culturais estrangeiros é geralmente acompanhada por adaptações através das quais eles podem ressoar na cultura tradicional. De fato, sua seleção dependerá na verdade de sua similaridade com ideias pré-existentes (DESSI, 2013, p. 40 – tradução nossa).

Ao palmilharmos um pouco mais os rastros de Masaharu Taniguchi, inevitavelmente encontramos a já citada *Ômoto*. A partir dessa nova religião pioneira, com a qual manteve vínculos durante parte de sua jornada, Taniguchi certamente se familiarizou com o princípio “Dez mil credos retornam para uma mesma fonte” (万教一宗, *bankyô kiitsu*, em japonês), o que, em outras palavras, significa que todas as religiões possuem uma suposta fonte comum (DESSI, 2013). Essa elaboração acompanhou a imaginação religiosa de Taniguchi e figura já nos primeiros volumes da coleção *A Verdade da Vida*, que começou a ser escrita na década de 1930 (ALBUQUERQUE, 1999).

Ainda na *Ômoto*, Taniguchi teve contato com ideias milenaristas que sugeriam a renovação do mundo e o conseqüente estabelecimento de um paraíso terreal. Conquanto a nova religião pioneira tenha enfrentado a perseguição do governo imperial

japonês, em alguns momentos, seu milenarismo era nacionalista por estabelecer que o restante do mundo se submeteria ao Japão, representado como primeiro país criado pelos deuses e superior ao restante do mundo moderno (CLARKE, 2000; CORNILLE, 2000). Essa expectativa de renovação do mundo acompanhou Taniguchi e a *Seicho-no-Ie* e foi sintetizada pelo *Movimento de Iluminação da Humanidade*, direcionamento institucional que até nossos dias alimenta o esforço de divulgação da doutrina para todo o mundo através de revistas, calendários, livros e, atualmente, das redes sociais.

Há outro aspecto, certamente mais tenso, da inscrição da *Seicho-no-Ie* na realidade global que merece nossa atenção: o controverso vínculo com o discurso nacionalista do Xintoísmo de Estado e seus sucedâneos ideológicos do pós-guerra. Esse momento da história da instituição religiosa tem desdobramentos até nossos dias em virtude de grupos discentes que procuram reavivar imagens religiosas de mundo tipicamente nacionalistas. Essas imagens ainda tomam o Japão – e o trono japonês – como uma espécie de *axis mundi* religioso.

A imagem religiosa da ordem mundial esposada por Taniguchi, especialmente antes da guerra, estava em afinidade com o Xintoísmo de Estado e com a disposição do Japão Imperial no Pacífico, expressos a partir de um sistema ideológico nacionalista conhecido por *Kokutai* (国体, Política Nacional, em português). Naquela época, o Japão procurou estender seu domínio sobre partes do sudeste asiático e seus interesses encontraram oposição de outras potências militares que também participavam do tabuleiro global produzido pelo espírito imperialista do século XIX e início do século XX. Em grande medida, a comunidade imaginada japonesa foi concebida à luz da realidade imperialista, por óbvio global, que sacralizava o trono e apontava para a hegemonia japonesa na Ásia (ELLWOOD, 2008).

A ênfase na autoridade espiritual fazia do Japão, para nos apropriarmos da reflexão de Kitagawa (1974), uma “comunidade soteriológica” imbuída de levar seu modo de vida e sua autoridade para outros cantos da Ásia e talvez do mundo. Nesse sentido, Reichl (2012) argumenta que Taniguchi foi fervoroso adepto do nacionalismo japonês, chegando, inclusive, a visitar domínios imperiais na península da Coreia e na Manchúria. Segundo lemos no documento explicativo publicado pela *Seicho-no-Ie* (MERA, 2008), Taniguchi sustentava em seus textos a centralidade religiosa do Japão e seu triunfo militar. Esse trecho de sua produção foi suprimido mais tarde em virtude de novas revelações recebidas pelo fundador. Desse momento em diante, o discurso religioso da *Seicho-no-Ie* abraçou o tema da paz mundial, como fizeram outras novas religiões, sem perder o Japão e a tradição de seu horizonte. Como entendemos, a nova situação do país

na ordem planetária constrangeu a imaginação religiosa de Taniguchi e o obrigou a rever o conteúdo de sua revelação⁶.

O ímpeto nacionalista continuou a fazer parte de algumas posições públicas e políticas da *Seicho-no-Ie*, inclusive fora do Japão, após a retirada das forças de ocupação, em 1952, do solo japonês. Em parte, como argumenta Dessì (2013), essa posição se deve à adoção da laicidade governamental pela nova constituição japonesa, promulgada em 1947. A nova carta rompeu os laços existentes antes de 1945, que vinculavam o Estado e a religião. Ao lado de outros grupos religiosos e conservadores, a *Seicho-no-Ie* se contrapôs aos esforços de dessacralização da autoridade do trono japonês, que tiveram início com a renúncia de ascendência divina pelo Imperador Hirohito (1901-1989) em 1º de janeiro de 1946 (ELLWOOD, 2008).

A posição reativa de Taniguchi à influência política ocidental no pós-guerra foi orientada pelo esforço em preservar uma imagem da ordem mundial ou um sentido de globalidade, para fazermos uso da fraseologia de Robertson (2000), sustentada pelo entendimento de que o Japão ainda era um centro espiritual e que seu povo era único. Segundo compreendemos, seu ânimo tem a ver com os novos fluxos do nacionalismo que apareceram no final dos anos 1950. Naquele momento, o país ingressava em uma onda de desenvolvimento econômico que o levaria à condição de superpotência econômica (ODA, 2014). Do final dos anos 1950 até 1983, a *Seicho-no-Ie* esteve envolvida com a promoção do pensamento nacionalista. A nova religião tentou emplacar candidatos em eleições através de uma associação política que defendia, desde 1967, pautas nacionalistas em favor do trono japonês e que criticava o ordenamento constitucional secular representado como “materialista” (STAEMMLER, 2018).

Do lado de cá do mundo: a Seicho-no-Ie do Brasil

O estabelecimento da *Seicho-no-Ie* no Brasil e seus desenvolvimentos ulteriores são os capítulos mais marcantes da internacionalização do grupo religioso. Nenhum esforço destinado a pensar a relação entre a nova religião japonesa e a globalização pode desconsiderar a história da *Seicho-no-Ie* em nosso país. Em certo sentido, a globalização dessa nova religião significou o “abrasileiramento” de algumas de suas ideias e práticas, a

⁶ Segundo Shimada (*apud* REICHL, 2012), Taniguchi alegou que um suposto Japão irreal perdeu a guerra, dando a entender que o Japão verdadeiro e sagrado – sua “Imagem Verdadeira”, como a *Seicho-no-Ie* define a dimensão espiritual, incorrupta e sagrada das pessoas e do mundo – continuava invencível. Cabe dizer que outros grupos naquele tempo, antigos ou de origens recentes, também aderiram ao discurso nacionalista. Grupos como a *Ômoto* enfrentaram perseguição durante o período pré-guerra em virtude da incompatibilidade de alguns de seus posicionamentos e da ideologia nacionalista, como lembra Reichl (2012).

começar pelo uso da língua portuguesa e do fato, apontando por Staemmler (2018), da coleção de quarenta volumes de *A Verdade da Vida* ter sido traduzida integralmente do japonês apenas para o português.

Dois aspectos da história da *Seicho-no-Ie* no Brasil merecem destaque considerando o problema que levantamos. O primeiro foi o apoio do grupo religioso ao discurso nacionalista brasileiro na década de 1960 (MAEYAMA, 1967). O segundo diz respeito à acomodação à paisagem religiosa brasileira (ALBUQUERQUE, 1999; DINIZ, 2006). No conjunto, esses momentos revelam os esforços comuns às várias novas religiões que recorrem ao expediente da negociação entre universos distintos, conforme seu interesse em se inscreverem em uma economia religiosa planetária.

As religiões japonesas chegaram ao Brasil a partir da imigração, que teve início em 1908. Além da esperança de retornarem para a terra natal, os imigrantes japoneses trouxeram parte de sua bagagem cultural e religiosa. Essa última, durante as décadas que antecedem à derrota japonesa, serviu especialmente para azeitar os laços étnicos que àquela altura tinham no culto do trono japonês sua expressão mais marcante. Até o fim da II Guerra, a maior parte dos imigrantes acreditava que os deveres religiosos, especialmente aqueles que diziam respeito à família e aos antepassados, ficaram no Japão a cargo dos primogênitos que não emigraram (MAEYAMA, 1967).

De forma tímida e não institucional, os conteúdos da revelação de Masaharu Taniguchi chegaram ao Brasil logo depois do surgimento da nova religião no Japão. Segundo Diniz (2006), a primeira revista de divulgação religiosa teria sido recebida por Katsuzô Tanigaki – morador da cidade de Lins, interior de São Paulo – em 1930. Dois anos depois, Hisae Sakiyama, morador do Estado do Amazonas, recebeu um volume da coleção *A Verdade da Vida*. Contudo, o ano de 1934 é considerado pela memória institucional o marco inicial do que Taniguchi chamou de “Movimento de Iluminação do Brasil”.

Naquele ano, o lavrador Kumejiro Oshiro, residente nas cercanias da cidade de Duartina, São Paulo, apresentou um volume de *A Verdade da Vida* para Miyoshi Matsuda (1911-2000), que mais tarde se tornaria um célebre divulgador do movimento religioso (MATSUDA, 2009). Na biografia intitulada *Uma vida dedicada à pregação da Verdade*, Matsuda menciona o evento de cura de seu irmão, Daijiro Matsuda (1905-1962), provocado pelo contato com a doutrina de Taniguchi. A partir de então, os irmãos Matsuda se tornaram os mais importantes divulgadores da doutrina no Brasil e hoje ocupam importante lugar na memória institucional do grupo.

Diniz (2006) afirma que em 1936 a Sede Internacional do Japão reconheceu as atividades religiosas dos adeptos da doutrina de Taniguchi. Dali em diante, o novo movimento começou a ganhar adeptos residentes no Estado de São Paulo, dentro da

comunidade imigrante. Entretanto, o primeiro fôlego religioso foi contido no contexto da guerra por conta dos esforços do Governo Vargas, aliado dos EUA, de proibir reuniões públicas em língua japonesa. Vigorava naquele momento o discurso xenofóbico do “perigo amarelo”. Segundo Maeyma (1967), as atividades públicas da nova religião cessaram e pequenos grupos passaram a se reunir clandestinamente. Durante esse período, os irmãos Matsuda migraram para Ibaiti, Paraná, onde criaram, em 1942, de forma ainda improvisada, a primeira Associação de Jovens do movimento (MATSUDA, 2007).

Passado o período mais tenso, com o fim da guerra, a nova religião favoreceu a acomodação dos imigrantes e descendentes que daquele momento em diante deveriam considerar o Brasil enquanto lar definitivo ao invés de “pátria temporária”, como era costume anteriormente (MAEYAMA, 1967). A partir de então, o grupo religioso se organizou institucionalmente a fim de alcançar o reconhecimento de Masaharu Taniguchi, o que efetivamente aconteceu em 1951. Nos anos seguintes, o trânsito de lideranças entre a sede japonesa e a filial brasileira minorou tensões éticas reminiscentes da derrota japonesa e promoveu a qualificação de preletores, na época conhecidos por *Dedoins*⁷. Ainda na década de 1950, apareceram as primeiras publicações em língua portuguesa. Em 1954, foi publicada uma edição em português da revista *Seicho-no-Ie* (MATSUDA, 2007).

Em 1963, Masaharu Taniguchi visitou o Brasil, onde passou três meses realizando palestras para os entusiastas de sua doutrina. Antes de desembarcar nos trópicos, Taniguchi viajou pela América do Norte e recebeu, em Los Angeles, o reconhecimento de líderes do Novo Pensamento Americano, que o laurearam com o título de doutor *honoris causa* – o título de doutor é ostentado em várias publicações posteriores. Por aqui, Taniguchi se encontrou com o Cardeal Dom Jaime de Barros Câmara, um feito celebrado pelas publicações do grupo como um sinal de reconhecimento da autoridade religiosa católica. As viagens procuravam projetar a nova religião internacionalmente e legitimar suas expectativas globais. Doravante, o grupo no Brasil buscou meios para se acomodar à paisagem religiosa a fim de se tornar uma religião de salvação universal, interessante também aos brasileiros sem ascendência japonesa (ALBUQUERQUE, 1999).

⁷ Em 1952, Katsumi Tokuhisa foi enviado ao Brasil pela *Seicho-no-Ie*. O emissário de Taniguchi percorreu de julho a outubro daquele ano os núcleos religiosos de São Paulo e do Paraná a fim de unificá-los. Naquele ano, foram habilitados 39 pregadores regionais. Em 1956, veio ao Brasil Seicho Taniguchi, genro do fundador, responsável por ordenar outros 85 pregadores regionais (ALBUQUERQUE, 1999).

Em 1965, a Associação de Jovens da *Seicho-no-Ie* do Brasil empreendeu a publicação da revista *Acendedor*, conhecida hoje como *Fonte de Luz*. Além de publicar textos do próprio Taniguchi e de seu genro e sucessor, Seicho Taniguchi (1919 – 2008), que ponderavam sobre a natureza não sectária da nova religião japonesa e sobre o cristianismo, também foram publicados textos de líderes locais que, em parte, celebravam o Brasil a partir do discurso nacionalista que figurava no espaço público durante o Regime Militar. Sobre isso, Maeayma (1967) afirmou que significados étnicos e políticos que outrora sustentavam o culto ao Imperador na colônia japonesa foram atribuídos também aos símbolos nacionais brasileiros.

Ideias políticas modernas, de viés democrático e que ensejavam a possibilidade de reivindicações eram associadas, nos textos dos primeiros números de *Acendedor*, ao “materialismo” e mesmo ao comunismo. O remédio para combatê-los era o espírito de harmonia da piedade filial que, em alguns trechos das publicações religiosas que lemos, evocavam o nacionalismo e o Japão tradicional, anterior à guerra – com menção, inclusive, ao Reescrito Imperial que orientou a educação antes de 1945⁸.

A disposição nacionalista nos primeiros números de *Acendedor* reproduzia algumas posições políticas nacionalistas e antiocidentais adotadas pelas novas religiões no Japão, como argumentam Clarke (2000; 2006) e Dessì (2013). No Brasil, essa disposição acomodava o tom nacionalista japonês ao contexto político ditatorial e chauvinista dos tempos da ditadura. Nesse sentido, a *Seicho-no-Ie* ostentava, nos dois hemisférios onde atuava, imagens da ordem mundial de natureza nacionalista e conservadora, conquanto vinculadas a repertórios culturais e horizontes específicos.

Ao longo das décadas posteriores, a nova religião procurou meios de consolidar suas raízes em solo nacional em um contexto de contínua pluralização da paisagem religiosa, de individuação da fé e de buscas por experimentações (SANCHIS, 2018). Seu esforço de acomodação tinha a seu favor o discurso do não sectarismo religioso e certamente a roupagem muitas vezes menos religiosa do que pretensamente filosófica que até hoje o grupo sustenta. Uma “filosofia de vida” que não exige filiação

⁸ Em texto publicado por Seicho Taniguchi originalmente no Japão, em 1967, e traduzido para o português no ano seguinte, lemos o relato de um professor jovem que se orientava pelo Reescrito Imperial ao desenvolver suas atividades profissionais. O texto chega a contrastar o espírito profissional do docente com as ideias de classe esposadas por uma associação de professores japoneses. No texto, há uma concepção cívico-sacerdotal da vida docente que deverá trabalhar para o progresso do povo em vez de se portar como um trabalhador que procura lutar por melhores condições. A ética suprema do docente, afirma o texto, é unir-se a Deus. Ideias semelhantes aparecem noutros textos de Masaharu Taniguchi publicados na mesma revista, em especial críticas à “cultura materialista”. A versão em português do texto de Seicho Taniguchi foi publicada na décima quinta edição de *Acendedor*, em novembro de 1968 (TANIGUCHI, S., 1968).

exclusiva, como acontece na *Seicho-no-Ie*, parece expressar uma espiritualidade mais flexível e individual. Igualmente, a ênfase do grupo nas experiências da cura a partir do cultivo de novos estados de consciência e da gratidão também permitiu à *Seicho-no-Ie* alcançar adeptos e simpatizantes em todo o país (CARPENTER; ROOF, 1995).

Entre os esforços de acomodação, o uso da língua portuguesa e a adequação à semântica religiosa brasileira merecem alguma atenção. Segundo um dos documentos publicados pela instituição, a acomodação à realidade brasileira ganhou mais profundidade durante a década de 1990 (MUKAI; MURAKAMI, 2010). A partir do ano de 1995, as recitações do *Cântico Evocativo de Deus*, que geralmente abrem todas as cerimônias religiosas, e do *Cântico da Grande Harmonia* passaram a ser realizadas também em língua portuguesa e não apenas em japonês, conforme tivemos a oportunidade de presenciar em atividades religiosas nos estados de São Paulo e de Goiás. A partir do início do século XXI, essas atividades passam a acontecer apenas em português, exceto nos núcleos constituídos exclusivamente por japoneses. Foi nesse momento também que aconteceu a substituição da expressão “culto aos antepassados” por “oração de gratidão aos antepassados”. Tal mudança, segundo as lideranças do movimento, estava em acordo com a cultura religiosa brasileira (DINIZ, 2006).

A acomodação, contudo, enfrentou resistências de grupos puristas. Nos últimos anos, dissidentes religiosos sustentaram que a nova religião se desviou do foco estabelecido pelo fundador. Argumentam que o suposto afastamento em relação à revelação original se manifesta na ênfase dada aos temas contemporâneos, entre eles a questão ambiental e o combate ao fundamentalismo. Lamentam também a tradução de conceitos religiosos para o português.

Em 2006, esses dissidentes formaram um grupo no Japão que se denomina *Taniguchi Masaharu Sensei o Manabu*, Associação Para o Estudo Sobre o Mestre Masaharu Taniguchi, em português. Também conhecido por *Manabu-kai*, o grupo é presidido no Japão por Nakashima Shoji. Em nosso país, suas atividades tiveram início em 2011 pelo esforço de Oswaldo Murahara, ex-preletor de prestígio da *Seicho-no-Ie*, e atual presidente do movimento dissidente no Brasil. Grosso modo, defendem o retorno ao uso de conceitos religiosos exclusivamente em japonês, a reverência aos símbolos nacionais japoneses, entre eles o trono, e o estudo do *Kojiki* (古事記, Crônica das Coisas Antigas, em português), texto mítico religioso escrito no século VIII, que influenciou Masaharu Taniguchi (MURAHARA, 2016).

A presença de um grupo religioso japonês atuando no Brasil, país que recebeu a maior parte dos imigrantes japoneses, deixa muito claro os efeitos da globalização na esfera religiosa e a dialética entre o local e o global. Apesar dos esforços de acomodação favorecidos pelo discurso de que todas as religiões possuem uma fonte comum, é

importante, contudo, não perdermos de vista que o Japão continua ocupando um importante lugar na doutrina religiosa da *Seicho-no-Ie*; foi lá que a revelação crida como definitiva e completa aconteceu e é de lá que emana a cosmologia que estrutura a doutrina religiosa da *Seicho-no-Ie*. Nesse sentido, a posição da *Seicho-no-Ie* não se diferencia da de outras novas religiões japonesas que igualmente sustentam o protagonismo espiritual do Japão (CORNILLE, 2000) Assim, o inclusivismo ou não-sectarismo que geralmente é endereçado aos desafios impostos atualmente pela pluralidade religiosa, em nível global, deve ser interpretado com cautela sociológica a fim de evitarmos reproduzir acriticamente a leitura êmica da *Seicho-no-Ie*.

A imagem religiosa de mundo ecologicamente orientada

Os riscos ambientais que experimentamos em nosso tempo ocupam importante lugar em nossa consciência planetária. Frequentemente, são eles que nos lembram de forma dramática, como agora, em tempos de negligência política e pandemia, que compartilhamos, a partir de lugares distintos, um destino comum marcado pelas chamadas “incertezas globalmente instituídas” (ROBERTSON, 2000). Em parte, as religiões na contemporaneidade procuram, à sua maneira, responder às carências de orientação advindas dessas incertezas.

Ao considerar o que acredita ser uma onda milenarista contemporânea, Robertson (2007) aponta a relevância que temas ecológicos e o pavor de um desastre de proporções apocalípticas tem em nossa consciência de globalidade. Segundo o autor, os temores de tipos diversos e a sensação de crise interpelam a reflexividade da mulher e do homem contemporâneo e, ao mesmo tempo, estimulam respostas religiosas que são endereçadas a toda a humanidade como habitantes de uma “casa comum”:

É desnecessário repetir todas as questões familiares a respeito do aquecimento global, mudanças climáticas, a cada vez maior crise de combustíveis fósseis, para não dizer a cada vez mais próxima crise hídrica [...] A consideração essencial é que o clima de *medo* está crescendo rapidamente em várias partes do mundo. De fato, é razoável argumentar que, em um sentido global, o medo é a emoção suprema de nosso tempo. Ele nutre pensamentos milenaristas (ROBERTSON, 2007, p.13 – tradução nossa, grifo do autor).

É nesse duplo plano de risco e de esperança na renovação do mundo que é possível falarmos nos rumos globais adotados pela *Seicho-no-Ie* do século XXI. O principal arquiteto dessa virada ambiental é o atual presidente mundial da *Seicho-no-Ie*, Masanobu Taniguchi⁹, neto do fundador da nova religião japonesa. Nos últimos anos, Masanobu imprimiu um novo ritmo à trajetória religiosa da *Seicho-no-Ie* ao enfatizar a “harmonia com a natureza” como horizonte de realização espiritual *nesse mundo*¹⁰.

Algumas das obras de Masanobu Taniguchi, entre elas *Caminho da Paz pela fé: A Fé na Atualidade* (2004) e *O Primeiro Passo para a Paz* (2006), testemunham a nova etapa na trajetória religiosa da *Seicho-no-Ie*. Em um tom mais analítico do que propriamente doutrinário ou motivador, como outros textos produzidos pelos líderes do grupo, Masanobu apresenta dados sociológicos, ambientais e políticos que procuram dar ênfase às demandas do mundo contemporâneo. Além das questões ecológicas, o autor se debruça sobre o fundamentalismo e sobre a importância da *Seicho-no-Ie* se adaptar às diferentes culturas religiosas:

como nós possuímos em nosso anterior a tradição da cultura japonesa [...] é mais adequado para nós o ritual xintoísta. Mas isso porque somos japoneses. Para pessoas que não são japoneses pode se adotar outros rituais, e deve ser assim. Deus é a *Grande Vida do Universo* e, portanto, sua imagem natural é se desenvolver tomando as mais variadas formas (TANIGUCHI, Masanobu, 2004, p. 88 – grifo nosso).

⁹Staemmler (2018) afirma que Masanobu Taniguchi alcançou o título de Mestre em Relações Internacionais na Universidade de Columbia, em Nova Iorque. Na década de 1990, ele foi apontado como o vice-presidente da *Seicho-no-Ie*, na época liderada por seu pai, Seicho Taniguchi. Chamou-nos a atenção o contato de Masanobu com temas ambientais oriundos especialmente da Ecologia Profunda, formulada em 1972 pelo filósofo norueguês Arne Naess. A Ecologia Profunda ou *Deep Ecology* sugere, entre outras coisas, que a natureza tem um valor intrínseco, ou seja, ela excede o valor da utilidade que atribuímos a ela. A expressão foi cunhada para contrastar com o que Naess considerava como “ambientalismo superficial”, centrado apenas nos indivíduos e não na totalidade das formas de vida que existem (TAYLOR; ZIMMERMAN, 2005). Em textos que discorrem sobre a questão ambiental, Masanobu Taniguchi (2004) procura aproximar ideias-chave da Ecologia Profunda da sensibilidade religiosa japonesa, em especial com o budismo.

¹⁰ O grande marco da “virada verde” da *Seicho no Ie* é o Escritório da Floresta, a atual sede do grupo no Japão. Idealizado por Masanobu Taniguchi, o complexo foi construído em Hakuto, Província de Yamanashi, localizada na região central de Honshu. Suas principais características são a área de floresta e o uso de células fotovoltaicas para atividades empreendidas diariamente no centro religioso (SEICHO-NO-IE, 2020). A sede atual substituiu aquela que existia em Tóquio e que foi fundada por Masaharu Taniguchi.

Em alguns de seus textos, Masanobu parece responder aos riscos do fundamentalismo religioso que ele atribui, *en passant*, àqueles que alegam que os atuais rumos da *Seicho-no-Ie* não respeitam os conteúdos originais revelados ao seu avô. Os rumos imprimidos por Masanobu Taniguchi à *Seicho-no-Ie* são deliberações refletidas que procuram exorcizar antigos fantasmas da instituição. Com isso, o presente líder rejeitou a imagem religiosa da ordem mundial estridentemente nacionalista. Sem abandonar o lugar japonês enquanto referência espiritual – como podemos observar no fragmento acima – alguns dos contornos visivelmente mais étnicos da *Seicho-no-Ie* foram traduzidos e, aos poucos, pigmentados pelo horizonte ecológico que pareceu mais atualizado e universal.

O devocional *Canto de Louvor à Natureza*, publicado no Japão em 2012 – no Brasil dois anos depois – é sem dúvida um interessante artefato religioso dos rumos ecológicos da nova religião. Nele, Masanobu Taniguchi recorre ao estilo de outros sutras da instituição para destacar a unidade espiritual da “Imagem Verdadeira” a partir do vínculo entre Deus, humanidade e natureza, como lemos na *Oração para vislumbrar a grande harmonia entre a natureza e os seres humanos*:

Na Imagem Verdadeira do mundo criado por Deus, a natureza e os seres humanos estão sempre em harmonia como um só ser [...]. Não há descontinuidade nem conflito entre eles, nem distinção ou diferença entre os dois. [...]. Não ver essa Imagem Verdadeira e olhar o “indivíduo” como realidade e centro do mundo é ilusão (TANIGUCHI, Masaharu, 2014, p. 1-3).

O fragmento estampa a compreensão religiosa a respeito dos riscos da ilusão individual. Tal ilusão consiste em não se perceber como parte de um todo espiritual que também inclui a natureza. A ideia certamente é parecida com outras fontes religiosas contemporâneas que advogam cosmologias holísticas e que entendem os problemas ambientais que vivenciamos, em parte, como consequências de uma espiritualidade divorciada da natureza.

Na vida cotidiana dos adeptos da nova religião, a preocupação ambiental se revela em recomendações e práticas diárias que se orientam pelo cuidado com a reciclagem e mesmo pelo esforço de abstenção de se alimentar de carne, além dos recém-criados clubes que se dedicam à horticultura, ao artesanato e ao ciclismo¹¹. No mesmo

¹¹ Segundo lemos na edição 313 do boletim *Círculo de Harmonia*, da *Seicho-no-Ie*, de maio e junho de 2019, os clubes foram criados em 2019 por orientação de Masanobu Taniguchi. Suas atividades são orientadas pela preocupação com a baixa emissão de carbono. A partir do que chamam de Sistema

sentido, a recente publicação do livro de receitas *Delícias de dar água na boca* (HARA, 2020) procura tornar cotidiana a espiritualidade ecologicamente orientada, enfatizada por Masanobu Taniguchi. No conjunto, essas práticas são sustentadas por valores ético-religiosos e orientadas pela expectativa da emergência de uma “nova civilização” que realize plenamente o *Modo Feliz de Viver em Harmonia com a Natureza* proclamado pelo grupo.

Em tempos de pandemia, a relação entre questões ecológicas e a imagem religiosa da ordem mundial ganhou ainda mais destaque na *Seicho-no-Ie*. Para a nova religião, a pandemia de Sars-Covid 2 é uma consequência do tratamento dispensado ao meio-ambiente, incluindo a dieta carnívora, que é desaconselhada pelo grupo religioso desde a liderança de Masaharu Taniguchi. Em pronunciamento oficial, o Presidente Doutrinário da América Latina, Fumio Nishiyama, afirma:

o Supremo Presidente da Seicho-No-Ie, Professor Masanobu Taniguchi, enfatizou os seguintes pontos em sua explanação:1) A humanidade vem torturando a natureza de uma maneira que torna tudo bastante difícil, causando uma série de problemas para a natureza. 2) E isso faz com que pela lei “Dá e receberás”, se o homem tortura a natureza, esta também acabará por torturá-lo. 3) É isso que está acontecendo com o planeta, neste instante. 4) Por isso, a Seicho-No-Ie divulga o modo de vida em que Deus, Natureza e Seres Humanos mantenham a Grande Harmonia, pois são originariamente unos. É o que sempre viemos divulgando, e que vamos continuar a fazê-lo (SEICHO-NO-IE, 2020).

Como mencionamos, a expectativa de um novo mundo ou uma nova civilização acompanha muitas novas religiões (CLARKE, 2000; DESSÍ, 2013). Alcançá-los a partir da transformação da consciência é, de certa forma, um lugar comum para grupos religiosos que já nasceram em uma época em que as pessoas se posicionam reflexivamente como partes de uma realidade global. Esse estado de espírito está em afinidade com o ímpeto milenarista de que nos fala Robertson (2013) na medida em que

Baseado em Projetos (SBP), os clubes devem promover valores que preconizam a dieta sem carne, a economia de recursos materiais e atividades que enfatizem a natureza.

ele sugere algum risco iminente que só pode ser evitado com a mudança da consciência planetária.

Em nosso caso, os elementos milenaristas da *Seicho-no-Ie* são ecologicamente pigmentados na atualidade e se expressam a partir do ideal do *Modo Feliz de Viver em Harmonia com a Natureza*, propalado pelo grupo religioso. Uma nova consciência planetária a respeito da harmonia entre humanidade, natureza e Deus é o meio para livrar o mundo todo do risco da catástrofe:

[a] questão ambiental do planeta Terra faz parte dos ensinamentos de Kanzeon Bosatsu, que se encontra na retaguarda da Natureza. Transformando seu corpo em “terra que se aquece” em “pessoas que sofrem como fome”, em “espécies em extinção, em “mudanças climáticas que se intensificam”, está demonstrado a nós humanos um importante ensinamento. [...] a humanidade do século XXI está aproximando-se do diverso de águas: despertar para o valor religioso universal, ou cair numa grande desordem devido às imprudências do aquecimento global e da manipulação da vida (TANIGUCHI, Masanobu, 2004, p. 235).

A tradução para outros idiomas certamente colabora para que nuances propriamente nipônicas da *Seicho-no-Ie* se tornem mais acessíveis ao dialogarem com o referencial religioso familiar do público receptor fora do Japão, em especial no Brasil. Sobre isso, consideremos a referência à “Grande Natureza” (大自然, Daishizen em japonês) que aparece logo no título do devocional escrito por Masanobu Taniguchi. Não se trata da natureza apenas no sentido puramente biofísico e moderno, mas *também* da ideia vitalista que tratamos anteriormente e que representa o universo como um ente do qual o inanimado e os seres vivos fazem parte (PICKEN, 2011) e que, amiúde, é associado por Masanobu Taniguchi à *Kanzeon Bosatsu*, traduzido em algumas publicações em português como o *Bodisatva que Reflete os Sons do Mundo*.

A dialética entre o local e global acontece pelo intermédio de traduções no âmbito do idioma e da semântica religiosa – uma dupla tradução - que converte o significante originalmente japonês em conceitos familiares à recepção não japonesa, como fez a *Seicho-no-Ie* em grande parte de sua história. Assim, a “Grande Natureza” é toda a presença divina, a “Imagem Verdadeira”, como a *Seicho-no-Ie* define a realidade espiritual ou, no sentido mais acessível possível, simplesmente Deus.

Embora a disposição da *Seicho-no-Ie*, sob o comando de Masanobu Taniguchi, oriente-se por questões ambientais e não tenha o mesmo contorno chauvinista do passado, trata-se ainda de uma nova religião japonesa que possui seu lugar de referência, como acontece com outras novas religiões, a exemplo da Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias e das Testemunhas de Jeová. As religiões, sejam quais forem, são produtos de realidades e expectativas locais que muitas vezes procuram se inscrever em uma ordem de relações mais amplas a fim de se universalizarem. Essa ordem de relações exige toda a sorte de esforços de acomodação, conquanto o êxito de cada religião varie a partir de suas especificidades e mesmo de fatores não religiosos. A acomodação, aliás, parece ser o destino de qualquer grupo na modernidade tardia que procura se inscrever na tessitura planetária. Tal realidade inclui também aquelas religiões que se apresentam como adversárias de uma suposta cultura “globalista”, tomada como ameaça à idealizada e falaciosa pureza original.

Considerações finais

A religião fundada por Masaharu Taniguchi é um interessante exemplo dos diversos ritmos da trajetória global de um novo movimento que se inscreveu na teia religiosa planetária a partir de um lugar não ocidental. Esse processo iniciado em solo nipônico nos ajuda a compreender influxos culturais e religiosos possivelmente não percebidos quando associamos a globalização aos países do Atlântico Norte ou quando a pensamos pela lente da homogeneização cultural.

Insistimos que a nova religião japonesa é intrinsecamente global, desde seu início, em virtude de sua pretensão à universalidade e de sua imagem da ordem mundial. Compreendemos que a universalização, especialmente na modernidade, é o expediente necessário para se inscrever efetivamente em uma teia religiosa global, embora esse processo seja atravessado por esforços de acomodação e bricolagem que cruzam e ressignificam referenciais de origens distintas.

Como se poderia esperar, a trajetória global da *Seicho-no-Ie* foi diversa ao longo dos noventa anos de sua existência. Tentamos demonstrar, dialogando com a bibliografia especializada e lançando mãos, brevemente, de alguns textos produzidos recentemente pelo grupo, que a nova religião se moveu de uma realidade mais étnica e nacionalista para uma do tipo ecológico. Cada um desses momentos foram respostas aos diversos ritmos globais que o Japão experimentou desde o século XIX, quando se viu forçado a se modernizar. Em cada um deles, a liderança da *Seicho-no-Ie* se orientou por uma determinada imagem da ordem mundial e expressou um tipo de consciência planetária.

As novas religiões japonesas, nesse sentido, têm um papel sociologicamente interessante na universalização de conteúdos oriundos do repertório japonês mais antigo.

Os esforços de acomodação ao longo de sua história, inclusive o mais contemporâneo empreendido por Masanobu Taniguchi, não rejeitaram o repertório japonês tradicional. Seu ideal de harmonia entre humanidade, natureza e Deus é expressão do princípio vitalista da Grande Vida ou Grande Natureza presente, principalmente, no budismo e no xintoísmo. Contudo, a *Seicho-no-Ie* na contemporaneidade procura diluir o chauvinismo do passado, fruto do nacionalismo forjado antes da guerra, que hoje é reanimado por tendências ultraconservadoras no Japão.

Referências

- ALBUQUERQUE, Leila M. B. *Seicho-no-Ie do Brasil: agradecimento, obediência e salvação*. São Paulo: Annablume, 1999.
- CARPENTER, Robert T.; ROOF, Wade Clark. The Transplantation of Seicho-no-Ie from Japan to Brazil: Moving Beyond the Ethnic Enclave. *Journal of Contemporary Religion*, vol.10, n.1, 1995, p. 41-54.
- CLARKE, Peter. Japanese New religion abroad a case of reverse globalization. In: CLARKE, Peter (Org.). *Japanese New Religion in Global Perspective*. Richmond: Curzon, 2000.
- CLARKE, Peter. Japanese “New” and “New, New’ Religions: An Introduction. In: CLARKE, Peter; SOMERS, Jeffrey. *Japanese New Religions in The West*. Londres: Ed. Routledge Curzon, 2006.
- CORNILLE, Catherine. New Japanese Religion in the West: between nationalism and universalism. In: CLARKE, Peter (Org.). *Japanese New Religion in Global Perspective*. Richmond: Curzon, 2000.
- DESSÌ, Ugo. *Japanese Religion and Globalization*. Londres/Nova Iorque: Routledge, 2013.
- DINIZ, Ediléia Mota. *Carisma e poder no Discurso Religioso: um estudo do legado de Masaharu Taniguchi – A Seicho-No-Ie do Brasil*. 2006. 189 f. Dissertação (Mestrado em Ciência da Religião) - Universidade Metodista de São Paulo, São Bernardo do Campo, 2006.
- ELLWOOD, Robert. *Introduction Japanese Religion*. Nova Iorque: Routledge, 2008.
- HARA, Viviane Tenório de Macêdo. *Delícias de dar água na boca – a Cultura de uma Alimentação baseada no “Modo Feliz de Viver em Harmonia com a Natureza”*. São Paulo: Seicho-no-Ie do Brasil, 2020.
- HARDACRE, Helen. *Shinto: a history*. Nova Iorque: Oxford, 2017.
- KISALA, Robert. Images of God in Japanese New Religions. *Nanzan Bulletin* 25, pp.139-152, 2001.

- KITAGAWA, Joseph M. "The Japanese "Kokutai" (National Community) History and Myth." *History of Religions* 13, no. 3 (1974): 209-26. Disponível em: <<http://www.jstor.org/stable/1061814>>. Acesso em 06 de jun. 2021.
- MAEYAMA, Takashi. *O Imigrante e a Religião*: Estudo de uma seita religiosa japonesa em São Paulo. 1967. Dissertação (Mestrado em Sociologia) - Escola Paulista de Sociologia e Política, Fundação Escola de Sociologia e Política de São Paulo, São Paulo, 1967.
- MATSUDA, Miyoshi. *Uma vida dedicada à pregação da verdade*. São Paulo: Seicho-no-Ie do Brasil, 2007.
- MELTON, J. Gordon. New Thought. In: In: CLARKE, Peter (Org.). *Encyclopedia of New Religious Movement*. Londres/Nova Iorque: Routledge, 2006.
- MERA, Yasuo. *Sobre a questão da publicação das Sutras Sagradas e da obra Seimei no Jisso (a verdade da vida)*. Disponível em: <http://www.sni.org.br/pontodevista/29-02-2012/Portugues-29-02-2012/02_port.pdf>. Acesso em 12 de jan. de 2015.
- MURAHARA, Oswaldo. Entrevista com Oswaldo Murahara (Manabu-Kai Brasil): a dinâmica das Novas Religiões Japonesas e seu reflexo no Brasil. [Entrevista concedida a] Mariana Fernandes de Souza. *REVER*, São Paulo, v. 16, n. 2, p.158-166, 2016.
- MURAKAMI, Marie; MUKAI, Yoshio. *Sobre os textos de difamação e injúria contra a entidade religiosa "Seicho-no-Ie" (sede internacional) e a Seicho-no-Ie do Brasil*. Disponível em: <http://www.sni.org.br/pontodevista/29-02-2012/Portugues-29-02-2012/01_port.pdf>. Acesso em 12 de jan. de 2015.
- ODA, Ernani. Discursos nacionalistas no Japão contemporâneo. In: PEREIRA, Ronan; SUZUKI, Tae (Orgs.). *O Japão no Caleidoscópio*: Estudos da Sociedade da História Japonesa. Campinas, SP: Pontes, 2014.
- ORTIZ, Renato. *O Próximo e o Distante*: Japão e modernidade-mundo. São Paulo: Brasiliense, 2000.
- PEREIRA, Ronan Alves. Possessão por espírito e inovação cultural: o caso de duas líderes religiosas do Japão. *Revista de antropologia*, São Paulo, v. 38, n. 1, p. 169-189, 1995.
- PICKEN, Stuart D. B. *Historical Dictionary of Shinto*. Lanham: Scarecrowpress, 2011.
- READER, Ian. Japanese New Religious Movements. In: JUERGESNSMEYER, Mark (Ed.). *The Oxford Handbook of Global Religions*. New York: Oxford University Press, 2010.
- REICHL, Christopher. The Globalization of a Japanese New Religion – Ethnohistory of Seichō no Ie. *Japanese Religions*, v. 36, n.1, p. 67-82, 2011.
- ROBERTSON, Roland. *Globalização: teoria social e cultura global*. Vozes: Petrópolis, 2000.
- _____. Global millennialism: a postmortem on secularization. In: BEYER, Peter.; BEAMAN, Lori (Orgs.). *Religion, Globalization and Culture*. Boston: Brill, 2007.

- ____. Globalization, Theocratization, and Politicized Civil Religion. In: CLARKE, Peter. (Org.). *The Oxford Handbook of the Sociology of Religion*. London: Oxford University Press, 2011. p.1-32.
- ____. Europeanization as Glocalization. In: ROBERTSON, Roland. (Org.). *European Glocalization in Global Context*. UK: Palgrave Macmillan, 2014. p. 6-34.
- SANCHIS, Joseph Pierre. As religiões dos brasileiros. In: SANCHIS, Joseph Pierre. *Religião, cultura e identidades: matrizes e matizes*. Petrópolis: Vozes, 2018. p. 245-279.
- SEICHO-NO-IE DO BRASIL. *Mensagem especial do Presidente Doutrinário da Seicho-no-Ie para a América latina*. Disponível em: <<http://www.sni.org.br/comunicado-presidente-doutrinario-fumio-nishiyama-seicho-no-ie-covid19-corona.php>>. Acesso em: 1 jun. 2021.
- ____. *Escritório na Floresta comemora sete anos de existência*. Disponível em: <<https://sni.org.br/seicho-no-ie/organizacional/meio-ambiente/escritorio-na-floresta-comemora-sete-anos-de-existencia/>>. Acesso em: 2 jun. 2021.
- ____. Clubes da Seicho-no-Ie. *Círculo de Harmonia*, São Paulo, Ano 23, n. 313 - Maio/Junho de 2020, p.23-29. Disponível em: <<https://sni.org.br/midias-sni/boletins-informativos/boletim-informativo-circulo-de-harmonia/>>. Acesso em: 2 jun. 2021.
- SHIMAZONO, Susumu. *From Salvation to Spirituality: Popular Religious Movements in Modern Japan*. Melbourne: Trans Pacific Press, 2004.
- SILVEIRA, João Paulo de Paula. *Identidades religiosas na modernidade tardia: um estudo a partir da Seicho-no-Ie do Brasil em Goiânia*. 2016. 210 f. Tese (Doutorado em Sociologia) - Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2016.
- STAEMMLER, Birgit. Seicho-no-Ie. In: POKORNY, Lukas; WINTER, Franz (Orgs.). *Handbook of East Asian New Religious Movements*. Boston: Brill, 2018.
- TANIGUCHI, Masaharu. *Seicho-no-Ie: edição especial*. São Paulo: Seicho-no-Ie do Brasil, 1993.
- TANIGUCHI, Seicho. A educação que louva as partes belas. *Acendedor*, São Paulo, ano IV, n.15, 1968.
- TANIGUCHI, Masanobu. *Canto em louvor à Natureza*. Hokuto, Japão: Seicho-no-Ie International Headquarters, 2014.
- ____. *Caminho da Paz pela Fé: a fé na atualidade*. São Paulo: Seicho-no-Ie do Brasil, 2004.
- ____. *O Primeiro Passo para a Paz*. São Paulo: Seicho-no-Ie, 2006.
- TAYLOR, Bron; ZIMMERMAN, Michael. Deep Ecology. In: TAYLOR, Bron (Org.). *Encyclopedia of Religion and Nature*. London and & New York: Continuum, 2005. p. 456-460.

TSUSHIMA, Michihito; NISHIYAMA, Shigeru; SHIRAMIZU, Hiroko; SHIMAZONO, Susumu. The Vitalistic Conception of Salvation in Japanese New Religions. *Japanese Journal of Religious Studies*, Tóquio, Japão, v. 6, n.º.1, p.139-161, 1979.

WINTER, Franz. Japanese New Religious Movements: An introduction. In.: POKORNY, Lukas; WINTER, Franz (Orgs.). *Handbook of East Asian New Religious Movements*. Boston: Brill, 2018.